



À ESPREITA¹

Mari A G Baldissera²

Angélica Lüersen³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, Chapecó, SC

RESUMO

“À espreita” é uma fotografia avulsa, resultante de um trabalho acadêmico sobre construção do olhar fotográfico criativo, desenvolvido para a disciplina de Fotojornalismo do curso de Jornalismo da Unochapecó. A fotografia, na mídia impressa, é a forma de representação visual mais utilizada atualmente. Sem perder o caráter informativo, a fotografia jornalística vem, a cada dia, aproximando-se da fotografia artística, com a finalidade de fugir do convencional e proporcionar aos espectadores a possibilidade de “enxergar a realidade” a partir de outros ângulos, enfoques e percepções.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; fotografia artística; construção do olhar fotográfico criativo.

1 INTRODUÇÃO

O emprego das fotografias em periódicos noticiosos revolucionou o modo de se fazer jornalismo impresso. De lá para cá, o fotojornalismo vem moldando-se, adquirindo novas formas e características para atender às tendências de cada época.

O fotojornalismo contemporâneo demanda mais do que a fotografia meramente informativa: uma das principais tendências, que ganhou força principalmente a partir da década de 1990, é a fotografia jornalística que traz a preocupação estética da foto artística sem descuidar do seu caráter informativo. Os veículos exigem dos fotojornalistas cada vez mais criatividade, domínio das técnicas e dinamismo no momento de captar a essência das cenas e situações fotografadas. Nesse contexto, a construção do olhar fotográfico criativo é importante diferencial do fotojornalista contemporâneo.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotografia Artística (Avulso).

² Acadêmica do 3º semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: mari.b@unochapeco.edu.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: angelica.luersen@gmail.com



2 OBJETIVO

Fotografar uma cena com tema livre, empregando características da fotografia artística, como atividade prática de construção do olhar fotográfico criativo, para a disciplina de Fotojornalismo do curso de Jornalismo da Unochapecó.

3 JUSTIFICATIVA

Embora a fotografia tenha surgido na primeira metade do século XIX, foi somente no século XX que ela passou a ser utilizada em jornais e revistas. Esse *delay* de quase um século tem justificativa técnica e econômica: com recursos limitados, imprimir letras era muito mais fácil e menos dispendioso do que imagens.

O emprego de fotografias nos meios impressos causou uma revolução no modo de fazer comunicação. Freund (1995) destaca o uso das fotos como o marco da *mass media* visual: “Até então o homem vulgar apenas podia visualizar fenômenos que se passavam perto dele, na rua, na sua aldeia. Com a fotografia abre-se uma janela para o mundo.”

Desde a utilização das primeiras fotografias em jornais e revistas, após a Primeira Guerra Mundial, o fotojornalismo encontra-se em constante mutação. As revistas ilustradas alemãs foram, segundo Sousa (2002), as grandes responsáveis por quebrar o padrão de utilização da fotografia como mero adereço, com espaço restrito nas páginas repletas de texto. Sousa (2002, p.17) argumenta que:

A forma como se articulava o texto e a imagem nas revistas ilustradas alemãs dos anos vinte permite que se fale com propriedade em fotojornalismo. Já não é apenas a imagem isolada que interessa, mas sim o texto e todo o ‘mosaico’ fotográfico com que se tenta contar a história. As fotos na imprensa, enquanto elementos de mediatização visual, mudam: aparecem a fotografia cômica, os foto-ensaios e as foto-reportagens de várias fotos.

A fotografia jornalística fornece informação e ajuda a dar credibilidade ao conteúdo. Aliada ao texto, aproxima o espectador da cena noticiada, munindo-o de elementos para que ele possa emitir juízo dos fatos. Segundo Sousa (2002), o fotojornalismo é uma atividade sem fronteiras que pode abranger fotografias de notícias, documentais, ilustrações fotográficas, *features*, fotografia artística, entre outras. Sousa ressalta, porém, que como nos outros tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo é informar.



A fotografia, hoje, é a forma de representação visual mais utilizada na mídia impressa. Sem perder o caráter prioritariamente informativo, a fotografia jornalística vem, a cada dia, aproximando-se da fotografia artística, com a finalidade de fugir do convencional e proporcionar aos espectadores a possibilidade de “enxergar a realidade” a partir de outros ângulos, enfoques e percepções.

Pensando na essência das fotografias jornalística e publicitária, onde a primeira é resultado do instante, do acaso e, portanto, espontânea; e a segunda é produzida geralmente em uma cena construída, onde tudo é preparado e previamente estudado (Cordeiro, 2005), a fotografia artística, também chamada fotografia de autor ou de expressão pessoal, seria um ponto autônomo ou convergente, dependendo da situação, entre uma e outra.

De acordo com Boroni (2008), “a fotografia artística é a arte de fotografar de maneira não convencional, em que não existe uma preocupação única de retratar a realidade.” O fotógrafo-artista registra a cena ou o tema de uma forma que transcende o ordinário, inserindo sua emoção, sua expressão e a sua perspectiva do mundo na imagem que produz.

A ideia da fotografia artística é “brincar” com os elementos da fotografia, produzindo um resultado diferente do habitual. Segundo Boroni (2008):

Para que o fotógrafo possa pensar em imagens artísticas precisa, em primeiro lugar, se libertar da ideia de produzir fotografias em que a luz, distância focal, foco e velocidade estejam em perfeita harmonia. Logicamente, é necessário ter domínio da técnica e conhecer o convencional para ousar.

Ao traçar um paralelo entre fotografia jornalística e artística, Correia (2004) argumenta que todos os produtos que não tem preocupação exagerada com a estética são objetos práticos, veículos de comunicação e funcionais, como é o caso da fotografia jornalística. Segundo Correia, “para ser fotografia artística implica ser experienciada esteticamente, com olhar desprendido da intelectualidade e não emocionalmente relacionada com realidades exteriores.” Sendo representação artística, pode conter aspectos práticos e de funcionalidade, mas estes são secundários.

Correia questiona se a fotografia jornalística é, portanto, uma linguagem estritamente prática e funcional, e dá a resposta:

A resposta é sim, embora tenha de se considerar aspectos colaterais que, somados aos primeiros, fazem da fotonotícia uma composição tanto mais rica quanto maior for o número de elementos que a compõem. Mas sem desviar a atenção dos leitores daquilo que é primordial: o registro da essência da condição humana, em imagens capazes não só de informar os leitores como também de lhes trazer esclarecimentos, a nível racional. No fotojornalismo, é obrigatório algo mais: um determinado olhar pírrônico, a visão crítica do fotógrafo-jornalista e a certeza de

que nem todos os acontecimentos são notícia. O fotojornalista e o fotógrafo-artista, embora lidando com gêneros diferentes, têm, pelo menos, um ponto comum: ambos não deixam de pressupor um diálogo entre aquilo que representam e o observador. Tal é suficiente para se justificar uma interrelação disciplinar, porque o destinatário dos seus trabalhos é comum - o Homem.

A fotografia artística aliada ao jornalismo vem ganhando cada vez mais espaço na mídia impressa. Basta folhear jornais e revistas para perceber que há uma preocupação crescente com a estética das fotos publicadas. No fotojornalismo contemporâneo, já não basta retratar o assunto como “prova” do fato noticiado: a ordem é fazê-lo com criatividade, fugindo do usual e indo de encontro ao ousado.

Buscando trabalhar a construção do olhar fotográfico criativo, levando em consideração as tendências do fotojornalismo, foi designado aos alunos do curso de Jornalismo da Unochapecó, na disciplina de Fotojornalismo, que produzissem fotografias artísticas com tema livre, trabalho acadêmico para o qual a fotografia em questão foi feita.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Há uma ilustração do jornalista e cartunista Marcelo de Andrade onde dois personagens dialogam. O primeiro observa algumas fotografias feitas pelo segundo e questiona: “Ótimas fotos! Que equipamento você usou?”. O segundo pára, reflete e responde: “Um cérebro, um olho e um dedo.”

Os avanços tecnológicos no campo da fotografia tem tornado o ato de “fazer boas fotos” cada vez mais acessível. Com regulagens automáticas para dezenas de situações ou cenas as câmeras, mesmo as de modelos mais simples, muitas vezes fazem o trabalho do fotógrafo com louvor.

Há duas implicações, entretanto, que merecem ser consideradas. Primeiro, com a utilização de ajustes automáticos, nem sempre o fotógrafo consegue o resultado esperado. A máquina fotográfica faz leituras padronizadas da cena e regula diafragma, obturador, ISO e flash ao seu bel prazer. A foto “À espreita”, por exemplo, não poderia ser produzida utilizando o modo automático, pois a câmera insistiria em disparar o flash para suprimir a falta de iluminação nas silhuetas, justamente o efeito que se queria manter. Neste contexto, fica evidente a importância de conhecer o funcionamento e dinâmica da câmera, mesmo que se utilize uma regulagem automática, para obter os resultados mais próximos possíveis do idealizado no momento do clique. As opções de ajustes automáticos não devem ser fator



reducionista ao fotografar, e sim ferramenta para ampliar as possibilidades e proporcionar agilidade ao fotógrafo, desde que o mesmo conheça os elementos da fotografia e saiba usá-los.

Segundo, independente de utilizar configurações automáticas, semi-automáticas ou manuais, não há equipamento ou software que substitua o olhar e a sensibilidade do fotógrafo. O poder de escolher personagens, cenas e situações, além de composição, enquadramento, profundidade de campo, ângulo, entre outros elementos, dá ao fotógrafo a possibilidade de imprimir sua personalidade na foto, seus valores e sentimentos.

A fotografia foi feita com uma câmera híbrida (compacta avançada) da Kodak, modelo Z812 IS, com programa de exposição “prioridade de abertura”, onde o fotógrafo regula a abertura do diafragma e a câmera regula o tempo de exposição automaticamente.

Foi utilizada abertura f/4.0, velocidade 1/400 sec e ISO 200. O flash foi desligado para manter o efeito desejado das silhuetas em contraluz. O EV (controle de entrada de luz) foi ajustado em -0,7. Diminuir o EV proporciona fotos com menos captura de luz do que o padrão, escurecendo ainda mais as áreas em sombra ou mais escuras.

A escolha do ISO baixo (200) se deu para evitar que a foto sofresse “granulação”, principalmente por conter grandes áreas em preto total.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O Aeroporto Internacional Afonso Pena, em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, é problemático. Frequentemente é notícia, pois fecha para pousos e decolagens devido ao denso nevoeiro que invade a pista. Filas se formam nos guichês das companhias aéreas, dezenas de passageiros procuram por respostas. Se o nevoeiro coincide com feriados prolongados, o caos instala-se.

Para quem aguarda a chegada de pessoas queridas, o relógio parece não mover-se. A espera é uma situação de desconforto para a maioria das pessoas. Aos poucos a administração do aeroporto libera as atividades, e tudo volta a funcionar, com a ajuda de aparelhos e em um ritmo muito mais lento do que o frenesi habitual. No terceiro pavimento, entre restaurantes e lojinhas, pessoas amontoam-se nos janelões de vidro esperando ansiosas a chegada de amigos, filhos, parentes, colegas, namorados.

Foi em 05 de setembro de 2009 que me deparei com o aeroporto nessas condições: era véspera do feriado de 7 de Setembro e uma densa neblina pairava sobre São José dos

Pinhais. Esperava por um vôo com destino ao Rio de Janeiro, sentada em frente aos janelões. De fundo, a paisagem branca, que contrastava com a escuridão do salão de espera e deixava as silhuetas perfeitamente definidas. O piso escuro favorecia o reflexo, dando a sensação de duplicidade. A longa espera resultou em vários cliques, dos quais a fotografia “À espreita” foi, posteriormente, selecionada.



Várias fotos poderiam ser produzidas para ilustrar uma notícia sobre os atrasos no Afonso Pena: a confusão nos check ins; os aviões em fila aguardando autorização para decolar; as pessoas deitadas sobre as malas esperando ansiosamente por seus vôos. Buscando fugir do convencional e utilizando as “licenças poéticas” que a fotografia artística permite, optei por fotografar esta cena, pela condição estética e lúdica que ela oferece.

A escolha pelo preto e branco pouco alterou a original, que quase não continha resquício de cores. O preto e branco, segundo Guran (1992), se coloca como uma representação do essencial, em oposição à fotografia colorida. “Ao representar uma cena apenas com tons e linhas, a foto em preto-e-branco se define como um código diferenciado da nossa forma natural de ver a realidade. [...] Ver colorido é o que fazemos desde que nascemos.”

O título sugere um sentimento experimentado ao presenciar a cena: pessoas atrás dos vidros, que representariam a barreira entre a pista do aeroporto e o mundo, entre quem espera e quem é esperado. Ao aproximar-se dos janelões, à espreita dos aviões que chegam,



quem espera “caça” visualmente seus entes queridos, na tentativa de matar vez por todas a ansiedade.

6 CONSIDERAÇÕES

A inserção da fotografia artística no âmbito jornalístico inaugurou uma nova fase do fotojornalismo em mídia impressa no mundo. A tendência da utilização de fotos criativas, captadas a partir de composições, enquadramentos e ângulos inusitados, exige cada vez mais que o fotojornalista exercite a construção de um olhar fotográfico criativo e inusual.

O ato de fotografar, jornalisticamente falando, sempre foi entremeado pela complexidade. O fotógrafo francês Frank Horvat (*apud* Guran, 1992) conseguiu definir de maneira simples ato tão complexo: “a fotografia é a escolha de um enquadramento no espaço e de um instante no tempo”. Como o ato de fotografar se realiza em uma fração de segundo, requer um reconhecimento antecipado, partindo do princípio de que a cena presenciada não poderá nunca mais ser vista, porque já passou.

Se antes o fotojornalista precisava preocupar-se com os elementos considerados essenciais para uma foto “sair no jornal” (enquadramento, controle de exposição e foco), o que já é tarefa bastante difícil, no fotojornalismo contemporâneo existem diversos outros elementos a serem considerados. E toda esta escolha deve ser feita em segundos, sob pena de o fotógrafo perder a oportunidade de registrar a cena como havia idealizado. Trabalhar a construção do olhar criativo e desprendido, aproximando-se do artístico e distanciando-se do mecanicismo, através da produção de fotografias singulares, é o desafio do fotojornalista do século XXI.

REFERÊNCIAS

BORONI, Gustavo. **A fotografia artística**. 2008. Disponível em: <<http://clickcriativo.blogspot.com/2008/05/fotografia-artstica.html>>. Acesso em: 5 abr. 2010.

CORDEIRO, Ricardo. **Fotografia publicitária e fotografia jornalística: pontos em comum**. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-ricardo-fotografia-publicitaria.pdf>>. Acesso em: 7 abr.2010.



CORREIA, Manuel. **Perspectiva(s) e fotojornalismo**. 2004. Disponível em: <<http://fotojornalimos.blogspot.com/2004/12/fotografia-artstica-e-fotojornalismo.html>>. Acesso em: 5 apr. 2010.

FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega, 1995.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2010.